



A intervenção russa na guerra da Ucrânia (2014): raízes históricas do novo dilema geopolítico europeu.

Victor Wolfgang Kegel Amal¹

Já há tempo que o mundo pós-Guerra Fria não é percebido a partir da ideia de *unipolaridade*; isto é, que apenas uma superpotência, no caso os Estados Unidos, tutele unilateralmente a condução da política global. Inúmeras são as evidências deste fato: as derrotas nas guerras do Iraque e Afeganistão, a crise financeira global de 2008-09, a ascensão econômica e geopolítica da China e Rússia, as guerras da Síria e Ucrânia, etc.

Para muitos, o que ocorre hoje é uma grande crise de hegemonia dos Estados Unidos, e para alguns, até do sistema mundial moderno de estados (ARRIGHI, 2008). Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein e outros teóricos da Análise de Sistema Mundo são expoente desta percepção. Por outro lado, à exemplo do historiador José Luís Fiori (FIORI, 2008) e do marxista inglês Perry Anderson (ANDERSON, 2015), existe de fato um enfraquecimento do poder norte-americano a partir de meados da primeira década do século XXI. Contudo, de acordo com estes autores, o enfraquecimento ainda não teria se tornado qualitativo em nenhuma das principais esferas da política internacional: a militar, geopolítica, econômica e tecnológica, o que por consequência não constitui uma crise de hegemonia.

Independente da perspectiva que se mostrar mais verídica, existe acordo entre as mais diversas correntes teóricas que de fato os Estados Unidos vêm tendo seu poder abalado, progressivamente, desde a virada do milênio. Trago este contexto à tona porque é a partir dele que emerge o objeto deste artigo: o retorno da Rússia para o tabuleiro das grandes potências e seu atual conflito com os Estados Unidos.

Autores como Marvin Kalb e Sergei Plekhanov apontam que o ponto de inflexão para a deterioração total da relação Estados Unidos-Rússia ocorreu em 2014, na “Segunda Revolução Laranja”, que redundou na ainda vigente guerra civil ucraniana. Quando os rebeldes depõem o presidente pró-Rússia Viktor Yanukovich e sinalizam que vão entrar na União Europeia, Putin dá a ordem para o exército ocupar a península da Crimeia, posteriormente a anexando formalmente

¹ Graduado em bacharelado e licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e mestrando no Programa de Pós Graduação em História (PPGH) da mesma Universidade. E-mail: vwkamal@gmail.com



ao seu território. Este fato leva à que os Estados Unidos imponham sanções econômicas contra a Rússia que duram até hoje (AMAL, 2016).

Dentro deste contexto, a pergunta de pesquisa a ser respondida é: quais são as razões históricas que levaram a Rússia a ferir a soberania nacional de seu país vizinho e lhe tomar parte do território, gerando um aprofundamento inédito das tensões políticas com os Estados Unidos desde a guerra do Afeganistão (1979)? Minha hipótese é que a expansão da OTAN e da União Europeia no pós-Guerra Fria para os antigos países do Pacto de Varsóvia geraram uma percepção por parte da Rússia de grave ameaça aos seus interesses estratégicos e segurança nacional. Quando esta expansão estava para chegar na Ucrânia, ela também chegou em seu limite: o território ucraniano é um dos mais, senão o mais, estratégico para a segurança russa na Europa, desde o reinado de Catarina, a Grande, no século XVIII. A possibilidade do país entrar para uma aliança militar ocidental é, portanto, inconcebível para os russos.

1. A importância geoestratégica da Ucrânia para a Rússia.

Historicamente, a dominação russa da Ucrânia foi de grande importância geopolítica por dois motivos². O primeiro é a existência da Grande Planície Europeia, que vai desde o litoral ocidental da França até os montes Urais. O fato de que o trajeto desta planície possa ser percorrido sem ter de cruzar fronteiras naturais como montanhas, rios ou desertos, facilitou e estimulou o trânsito de povos e exércitos entre a Rússia e a Europa Ocidental. Nos últimos 500 anos, a Rússia

² Os primórdios da história da Rússia remetem ao século IX, quando a etnia Kievan Rus habitava os arredores do Rio Dnieper e o território que hoje é a capital da Ucrânia, Kiev. Contudo, devido aos sucessivos ataques mongóis, os Kievan Rus foram obrigados a migrar para outra região que lhes protegesse, cujo destino foi Moscou. Mesmo ao fundar o Grande Principado de Moscou, os russos estavam em significativo perigo em relação às novas invasões, uma vez que a cidade não tinha em seu redor fronteiras naturais como montanhas, rios, desertos ou algo que a valha. Apenas no século XVI com Ivan, o Terrível, que ocorre a expansão para os montes Urais, ao leste; para o mar Cáspio, ao sul; e para o círculo ártico, ao norte. Nesta etapa de sua história, a grande debilidade geográfica da Rússia era seu flanco ocidental, onde tinha fronteira com o grande reinado da Polônia-Lituânia. É no século XVIII, no reinado de Catarina, a Grande, que a Rússia junto da Prússia (futura Alemanha) invade a Polônia e pela primeira vez divide seu território. A partir deste momento a Rússia passa a dominar também o que hoje é a Bielorrússia, Moldávia, Ucrânia e os Bálticos - Lituânia, Estônia e Lituânia. Não é a toa que Putin fala que Catarina foi sua imperatriz favorita (KALB, 2015).

foi invadida diversas vezes pelas nações ocidentais através desta planície. Os poloneses em 1605; os suecos com Charles XII em 1707; os franceses com Napoleão em 1812; e os alemães na primeira e segunda guerra mundial (MARSHALL, 2015). O mapa a seguir demonstra na parte rasurada em cinza a planície. A Ucrânia encerra a fronteira sul da planície com a cordilheira dos Cárpatos, oferecendo assim uma proteção natural contra possíveis exércitos advindos do ocidente e constituindo, portanto, um *buffer state*. Ou seja, um “estado tampão” que separa a Rússia dos demais países europeus.

Figura1: A grande planície Europeia



Fonte: MARSHALL, 2015.

O segundo motivo é a falta de portos de águas mornas que possam suprir as demandas comerciais da população russa. Esta é, possivelmente, a maior debilidade geopolítica do país e que restringe significativamente seu poder global. Os portos de São Petesburgo, Arkhangelsk e Vladvostok ficam congelados em torno de 4 meses por ano e está no mar do Japão, controlado militarmente por este país. Assim, o porto de Sevastopol na península da Crimeia (Ucrânia) adquire importância vital, pois trata-se do único porto de águas mornas completamente controlado pela Rússia (MEARSHEIMER, 2014). Como está demonstrado no mapa, sua saída para o Mar Negro lhe permite amplo controle sobre estas águas e, através do estreito de Bósforo, chegar ao

Mar Mediterrâneo.

Figura 2: A península da Crimeia



Fonte: LOBO, 2016.

2. Expansão da OTAN e União Europeia no pós-Guerra Fria.

A OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte – foi fundada em 1949 através do Tratado de Washington, cujos membros fundadores foram os Estados Unidos, Reino Unido, França, Itália, Portugal, Holanda, Islândia, Dinamarca, Noruega e Luxemburgo, sendo posteriormente incorporadas entre 1952 e 1982 a Alemanha Ocidental, Espanha, Grécia e Turquia. Em contraponto, a aliança militar rival da OTAN durante a Guerra Fria era o Pacto de Varsóvia. Esta aliança foi fundada em 1955 na cidade de Varsóvia na Polônia, cujos membros eram Alemanha Oriental, Checoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária, Albânia, Polônia e a União Soviética (que englobava além da Rússia a Ucrânia, Lituânia, Letônia, Estônia, Bielorrússia, fora

os países da Ásia Central).

Após a queda do muro de Berlim em 1989, durante o período de agonia da União Soviética, inicia-se um processo de negociação entre o então Secretário Geral soviético Mikhail Gorbachev com o presidente norte-americano George Bush pai. O acordo resultante foi a reunificação pacífica da Alemanha e a dissolução do Pacto de Varsóvia, que ocorreria sem oposição russa com 2 condições: a Alemanha Oriental não seria militarizada; e a OTAN não incorporaria os antigos países do Pacto de Varsóvia (MEARSHEIMER, 2014).

Entretanto, não foi assim que os fatos se deram na década de 90. Primeiro, a Alemanha Oriental foi militarizada quase de imediato após a reunificação. Depois, durante a administração Clinton, começaram as negociações com os antigos países do Pacto de Varsóvia para que estes entrassem na OTAN. Em 1999, entram na aliança a Hungria, Polônia e República Checa. Em seguida, George W. Bush dá prosseguimento à esta política de expansão e incorpora em 2004 a Estônia, Letônia, Lituânia, Eslováquia, Eslovênia, Romênia e Bulgária. Em 2009, já na administração Obama, adentram também a Croácia e a Albânia. Ou seja, se quando acaba a Guerra Fria a OTAN contava com dezesseis membros, depois de menos de duas décadas este número pulou para vinte e oito membros, sendo que os 12 novos pertenciam anteriormente à zona de influência soviética. A estratégia de contenção e cercamento da Rússia na verdade se aprofundou após a Guerra Fria, e não o contrário (BANDEIRA, 2013). O mapa a seguir demonstra esta expansão a partir das datas de adesão dos novos membros.

Figura 3: A expansão da OTAN



Fonte: AMAL, 2016

A outra instituição ocidental que se expandiu para a antiga zona de influência russa na Europa oriental no pós-Guerra Fria foi a União Europeia (UE). A UE, da forma como existe hoje, tem sua origem no ano de 1993 quando foi assinado o Tratado de Maastricht. Nesta data, a UE possuía um total de 13 de membros, todos pertencentes à porção ocidental europeia (Alemanha, França, Itália, Espanha, Portugal, Reino Unido, Bélgica, Suécia, Finlândia, etc.) mais a Grécia. Contudo, após 1993, adentraram ao bloco europeu 15 novos membros, sendo que destes, 12 pertenciam à União Soviética ou ao Pacto de Varsóvia durante a Guerra Fria (Polônia, Estônia, Letônia, Lituânia, Eslovênia, Eslováquia, Romênia, República Checa, Croácia, Hungria e Bulgária). Ou seja, pode-se perceber que a OTAN e a UE convergem no movimento em direção ao leste europeu após o fim da Guerra Fria (PAUTASSE, 2014). O mapa a seguir procede da mesma forma que o anterior, porém referente à UE.

Figura 4: *A expansão da UE*



Fonte: LOBO, 2016.

3. A Rússia pós-Soviética.

Este avanço ocidental sobre o leste Europeu não se deu sem protestos por parte dos russos. Para compreender como se deu a resistência russa à expansão da OTAN e da UE, é preciso ter em mente que a história da Rússia pós-soviética se divide em duas etapas distintas: a primeira vai desde o fim da URSS (1991) até a renúncia de Boris Iéltsin da presidência (1999); e a segunda vai da eleição de Vladimir Putin para a presidência (2000) até os dias de hoje (SEGRILLO, 2010).

O período Iéltsin foi marcado por uma grave crise econômica advinda da época da perestroika, de Mikhail Gorbachev, e estendida com a terapia de choque liberal de Yegor Gaidar, que não conseguiu reverter a grave recessão econômica que assolava o país desde o fim da década de 1980. No âmbito da política internacional, houve grande perda de poder geopolítico da Rússia enquanto potência regional durante o período Yeltsin. Apesar de ter mantido todo o arsenal nuclear soviético e a representação no Conselho de Segurança da ONU, a perda dos territórios que antes pertenciam a URSS e que passaram a formar 15 novas repúblicas foi uma a maior catástrofe geopolítica para a Rússia, nas palavras de Vladimir Putin (SOUZA; MACHADO, 2015).

Figura 5: *O encolhimento da URSS*





Fonte: Marshall, 2015.

Em termos de política externa, a grande novidade foi o aprofundamento da relação com os Estados Unidos em direção à uma parceria estratégica. Para isso, Iéltsin aplicou de forma estrita a cartilha econômica neoliberal, coordenada pelo ministro Gaidar, e manifestou o desejo de integrar as instituições multilaterais ocidentais como o FMI e a OMC, fatos que lhe renderam a promessa de ajuda financeira norte-americana para enfrentar a crise (MAZAT; SERRANO, 2012).

Contudo, este momento de “parceria” não durou muito tempo. Ao passo que os Estados Unidos não enviaram o prometido auxílio financeiro, também anunciaram a negociação de uma nova rodada de expansão da OTAN no leste-Europeu. Iéltsin se manifesta já em 1995, em uma carta às nações unidas, de forma contrária ao que ele considera uma expansão militar ocidental ilegítima. Isto leva à que em 1996 o presidente nomeie para o cargo de chanceler Eugueni Primakov, um grande crítico da aproximação entre a Rússia e os Estados Unidos. Primakov defendia que os norte-americanos não haviam abandonado a mentalidade da Guerra Fria, de contenção e cercamento da Rússia, e seria ingênuo persistir em uma parceria nestes termos. Portanto, a saída seria buscar a formação de um novo arco de alianças com os países orientais, particularmente China e Índia. Apesar de Primakov ter ficado por pouco tempo na chancelaria, suas ideias se incorporaram no governo após sua saída e posteriormente foram radicalizadas pelo próximo presidente Vladimir Putin (SOUZA; MACHADO, 2015).

A segunda etapa da Rússia pós-soviética se caracteriza enquanto a antítese do governo anterior. Enquanto Iéltsin tinha uma política econômica ultra-liberal e descentralizou o poder para os estados, Putin primou por uma política mais desenvolvimentista e de centralização do poder no governo federal. Enquanto Iéltsin buscou, pelo menos em seu primeiro mandato, uma parceria estratégica com os EUA, Putin antagonizou fortemente contra os norte-americanos no terreno da política internacional. Apesar de que em 2008 Dimitri Medvedev é eleito presidente, Putin permanece no governo como primeiro-ministro e retorna à presidência em 2012. Portanto, pode-se afirmar que existe uma grande continuidade no governo russo de 2000 até os dias de hoje (MAZAT; SERRANO, 2012).

No começo de seu primeiro governo, Putin parecia estar inclinado à conciliar com os Estados Unidos na política internacional. O presidente foi o primeiro a ligar para Bush após o 11 de setembro e apoiou a guerra do Afeganistão, inclusive auxiliando os norte-americanos com

inteligência e bases militares. Contudo, esta situação muda após 3 eventos chave: a guerra do Iraque (2003); as revoluções coloridas da Geórgia (2003) e Ucrânia (2004); e a nova rodada de expansão da OTAN e UE em 2004 (SEGRILLO, 2015). De acordo com Segrillo, as “revoluções coloridas” nos países de sua esfera de influência foram o “ponto mais nevrálgico” para as relações Rússia e Estados Unidos. Estas revoluções são um novo tipo de engenharia social norte-americana pós-Guerra Fria. Segundo Bandeira, são “basicamente, uma estratégia de mobilização para provocar uma mudança pacífica de regimes políticos desgastados, que se tornaram indesejáveis as grandes potencias”, que o fazem por intermédio das agências norte-americanas “da NED, da CIA e de entidades civis, entre as quais a Freedom House, a USAID, o Open Society Institute” (BANDEIRA, 2013)

Duas dessas revoluções, coincidentemente, ocorreram em dois países que pertenciam à parceria oriental da União Europeia, que é uma espécie de pré-acordo de associação com a instituição: Geórgia e Ucrânia. Ainda, na reunião de cúpula da OTAN de 2008, foi anunciado o desejo de incorporar esses dois países na aliança militar ocidental, o que rendeu grandes protestos por parte da Rússia. Também coincidentemente, estes países sofreram intervenções militares por parte dos russos: na Geórgia em 2008 e na Ucrânia em 2014 (BANDEIRA, 2014). O mapa a seguir demonstra a correlação entre os países alvo da OTAN e UE e a ocorrência de “revoluções coloridas”:

Figura 6: *Revoluções Coloridas*



Fonte: LOBO, 2016

Ucrânia 2014: Revolução ou coup d’Etat?

Em primeiro lugar, é preciso colocar que a questão nacional ucraniana nunca foi bem resolvida. Durante séculos o país foi disputado por cossacos, poloneses, mongóis e turcos, até que finalmente foi incorporado à Rússia por Catarina, a Grande, no século XVIII, permanecendo assim até o ano de 1991. Durante a guerra civil russa (1917-1921), houveram duas tentativas fracassadas de levantes nacionalistas em Kiev: primeiro com a Rada, apoiada pela Alemanha, e depois com o Diretório, apoiado pela Polônia (DARCH, 1994). Após a dissolução da União Soviética, em 1991, pela primeira vez a Ucrânia conseguiu consolidar um processo de independência. Contudo, desde esta data, teve relações políticas ambíguas com a Rússia. Etnicamente, devido aos séculos de convívio mútuo, cerca de um terço de sua população se identifica como russa. Além disso, metade dos outros dois terços que se identificam enquanto ucranianos, por sua vez, possuem laços consanguíneos com russos. Ainda assim, por parte dos ucranianos, existe certo ressentimento quanto ao prevaletimento histórico da Rússia na região. Por isso, muitos dizem que a Ucrânia é um território que abarca dois países: um deles à oeste, mais vinculado à Europa; e o outro à leste, mais vinculado à Rússia (PLEKHANOV, 2016). O mapa a seguir demonstra esta divisão étnica e política a partir dos votos dos candidatos pró-Occidente, Yushchenko; e pró-Rússia, Yanukovich.

Figura 7: Divisão política na Ucrânia



Fonte: PLEKHANOV, 2016.



Após a independência, iniciaram as negociações comerciais e políticas entre a Rússia e a Ucrânia. Havia um grande imbróglio neste momento para os russos: a península da Crimeia e o porto de Sevastopol. Como foi colocado anteriormente, a península da Crimeia pertenceu à Rússia desde o século XVIII, e naquele momento estava sob jurisdição ucraniana³. Boris Yeltsin, na época, se utilizou da grande dependência energética que a Ucrânia tem da Rússia (mais de 50% de seu consumo) para pressionar por uma negociação favorável a seus interesses relativos à Crimeia. Finalmente, foi acordado que a Rússia iria ter livre acesso militar e comercial à Crimeia e o porto de Sevastopol, embora este ainda fosse território ucraniano. Portanto, em troca do livre acesso à região, a Rússia iria prover benefícios comerciais para os ucranianos na compra de gás (KALB, 2015).

Portanto, após a independência ucraniana, o país estabeleceu relações muito próximas com a Rússia, tanto do ponto de vista comercial quanto militar. Isso mudou em 2004, quando o candidato pró-russo Viktor Yanukovich, que ganhou as eleições daquele ano, foi acusado de fraude e corrupção por diversas ONG's e veículos de mídia ocidentais que atuavam no país (assim como a oposição derrota e setores do judiciário). Houve uma onda de protestos de massa, não-violentos, que ficaram conhecidos como a “Revolução Laranja”, que se enquadram no conceito de “Revoluções Coloridas” financiadas pelos Estados Unidos e demais países ocidentais (SUSSMAN; KRADER, 2008). Frente à esta insurgência, Yanukovich decide abdicar da presidência e chama novas eleições, que foram ganhas desta vez pelo candidato que havia perdido, o pró-ocidente Viktor Yuschenko.

Esta revolução preocupou Putin e a Rússia de forma avassaladora, pois o novo presidente, ao contrário de seu antecessor, não desejava continuar próximo a seu país. Pelo contrário: intentava negociar uma entrada na União Europeia, e em 2007 iniciou as negociações sobre o Acordo de Associação Ucrânia-União Europeia. Frente à esta situação, como forma de dissuadir Yuschenko de sua empreitada, a Rússia passou a praticar uma guerra do gás contra a Ucrânia, cortando por

³ Durante a administração soviética de Nikita Khrushchev (1953-1964), o secretário geral concedeu à Ucrânia a administração jurídica da península e do porto em questão. O que na época era um mero ato administrativo, uma vez que toda a URSS se subordinava diretamente ao *politburo* do PCUS, após a fragmentação do bloco em 1991 isto se tornou um verdadeiro alvo de disputa entre os países. Os russos tinham (e ainda tem, diga-se de passagem) um interesse geopolítico enorme na península da Crimeia em função da sua localização estratégica para o controle do Mar Negro e o acesso ao mar Mediterrâneo via estreito de Bósforo. Entretanto, pelo acordo estabelecido entre Iéltsin e o presidente ucraniano na época, Leonid Kuchma, a península era propriedade jurídica da Ucrânia devido ao decreto de Krushchev (KALB, 2015).



vezes seu suprimento em pleno inverno e aumentando de forma significativa o preço de importação do produto (KALB, 2015). Isto fez com que Yushenko perdesse toda a popularidade obtida durante os protestos de 2004.

Em 2010 ocorrem novas eleições ucranianas. Ironicamente, o vencedor desta vez é Viktor Yanukovich, o mesmo que havia ganhado em 2004 e que foi forçado a abdicar em função da “Revolução Laranja”. Apesar de ser mais próximo da Rússia, Yanukovich promoveu uma política de não alinhamento à nenhuma das potências que disputam a influência sobre a Ucrânia⁴. Apesar disso a entrada da Ucrânia na UE não era uma possibilidade para Putin, que faria de tudo para impedir que isto acontecesse. Em função da pressão política exercida pela Rússia, o presidente ucraniano suspende a assinatura do acordo dia 21 de novembro de 2013. O motivo desta mudança brusca se revelou algumas semanas mais tarde. Putin propôs um acordo alternativo ao da UE, que previa investimento russo no setor industrial ucraniano; redução no preço de importação do gás em um terço do valor anterior; e a compra de 15 bilhões de dólares da dívida ucraniana por parte da Rússia (PLEKHANOV, 2016).

A opção de Yanukovich em pactuar com a Putin ao invés da União Europeia gerou grande ira na população da parte ocidental da Ucrânia, que desejava consolidar seus laços com a UE. Ainda em dezembro de 2013, quase um milhão de pessoas passaram a se reunir na praça Maidan, em Kiev, capital ucraniana. Em janeiro de 2014 os protestos continuaram e passaram a tornar-se violentos. Em fevereiro houve um conflito de 3 dias entre manifestantes que tentavam ocupar o parlamento e a polícia, resultando em mais de 100 mortes. A partir deste momento, Alemanha, Rússia, Polônia e França passaram a tentar mediar o conflito. Chegou-se a um acordo, no dia 21 de fevereiro, que estipulava a formação de um governo de unidade nacional até novas eleições que ocorreriam no mês de maio. Conforme a negociação, a polícia se retirou da praça Maidan, mas os manifestantes não. Desrespeitando o acordo de paz, os manifestantes passaram a ocupar os prédios do governo e, temendo por sua vida, Yanukovich foi à exílio em Moscou (MEARSHEIMER, 2014).

A partir deste momento começou uma sangrenta guerra civil no país que, até agora, não mostrou sinais de cansaço. Antes mesmo da queda de Yanukovich, os apoiadores do ex-presidente

⁴ Por um lado, o presidente ratificou acordos de concessão de bases navais na península da Crimeia (firmado entre Yeltsin e Kuchma na década de 90 e que estavam para expirar) e regulamentou a utilização local da língua russa. Por outro, manteve as negociações sobre o Acordo de Associação Ucrânia-União Europeia, que estava previsto de ser assinado final de novembro de 2013 (PLEKHANOV, 2016).



nas regiões sul e leste do país já se manifestavam contra os protestos em Kiev. Após a saída do ex-presidente para a Rússia, estes apoiadores classificaram o que ocorreu como um golpe de Estado (coup d'Etat), e passaram a formar milícias armadas para combater o novo governo. Atualmente, estes rebeldes declararam a independência das províncias de Donetsk e Lugansk, no extremo-leste do país (KALB, 2015).

A Rússia também não demorou para reagir frente a queda de Yanukovich. Antes mesmo do parlamento aprovar o uso da força militar na Ucrânia requisitado por Putin, as tropas russas já começaram a ocupar territórios chave da península da Crimeia em fins de fevereiro. Existia uma necessidade urgente em defender o porto russo de Novorossisk e o de Sebastopol, pois havia a possibilidade de o novo governo ucraniano revogar o decreto que permitia a circulação da frota naval russa na península da Crimeia. O ex-presidente havia assinado um acordo em 2010 que permitia a utilização do porto de Sebastopol pela Rússia até 2042. Contudo, este acordo estava em risco com o novo governo, à exemplo do parlamento ucraniano ter revogado o decreto que permitia a utilização da língua russa nas localidades com esta maioria étnica. Portanto, dia 27 de fevereiro, as tropas da Rússia começaram a cercar a península; dia 1º de março o parlamento russo aprovou o pedido de Putin para intervir militarmente no país; e depois de se estabelecer militarmente na região, no dia 16 de fevereiro é feito um plebiscito para a população decidir se prefere permanecer na Ucrânia ou tornar-se parte da Rússia: a Crimeia russa ganhou por 97% (AMAL, 2016).

Conclusão:

Tendo em vista a exposição prévia, considero a guerra da Ucrânia como o novo dilema geopolítico europeu pelo fato de, pela primeira vez durante o pós-Guerra Fria, as tensões estruturais envolvendo o território ucraniano se manifestaram militarmente: desta vez a partir do duplo contexto de expansão da OTAN e UE mais o fortalecimento da Rússia. Em 2017, a luta entre o governo de Kiev contra os rebeldes de Donetsk e Lugansk permanecem sob o falso cessar-fogo de Minsk II. Ao mesmo tempo, o senado dos EUA aprova novas sanções econômicas contra a Rússia por conta da anexação da Crimeia, agora atingindo países europeus como a Alemanha, que negociava junto à Gazprom a construção do gasoduto Nord Stream 2. Merkel e outros líderes europeus se manifestam contrários às sanções, ensejando possivelmente uma nova *Ostpolitik*. Ou seja, fissuras começam a se intensificar dentro do próprio “bloco ocidental”, entre Estados Unidos



e União Europeia. Neste contexto, a disputa sobre o futuro da Ucrânia ainda está em aberto, e os ecos da guerra civil provavelmente irão durar mais do que aqueles presentes na praça *Maidan* em 2014 esperavam.

Bibliografia.

1. AMAL, Victor W. K. *Nova Guerra Fria? A percepção da Rússia sobre o Ocidente na era Putin*. Monografia de conclusão de curso: UFSC, 2016.
2. ANDERSON, Perry. *A política externa norte-americana e seus teóricos*. São Paulo: Boitempo, 2015.
3. ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim*. São Paulo: Boitempo, 2008.
4. BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Segunda Guerra Fria*. Elsevier: São Paulo, 2013.
5. DARCH, Colin. *The Makhnovshchina, 1917-1921: ideology, nationalism and peasant insurgency in early twentieth century Ukraine*. 1994. Tese de Doutorado. The University of Bradford.
6. FIORI, José Luis; DE MEDEIROS, Carlos; SERRANO, Franklin. *O mito do colapso do poder americano*. Record, 2008.
7. KALB, Marvin. *New Cold War*. Washington: Brookings, 2015.
8. LOBO, Iuri Endo. *Por que a culpa é do ocidente: análise comparativa das crises da Ucrânia e da Geórgia*. Monografia de conclusão de curso: UFSC, 2016.
9. MARSHALL, Tim. *Russia and the course of geography. Want to understand why Putin does what he does? Look at a map*. The Atlantic, 31 Outubro.
10. MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. *A geopolítica da federação russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito*. In: ALVES, André G. de M. P.; ADAM, Gabriel Pessin; MAZAT, Numa; POMERANZ, Lenina; SEGRILLO, Ângelo; SERRANO, Franklin. *O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI*. IPEA: Brasília, 2012.
11. MEARSHEIMER, John J. *Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin*. Foreign Affairs, September/ Oktober, 2014.
12. PLEKHANOV, Sergei. *Assisted suicide: Internal and external causes of the Ukrainian Crisis*. In: BLACK, J.L.; JONES, Michael. *The return of the Cold War: Ukraine, the West and Russia*.



Routledge: New York, 2016.

13. SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*.

Curitiba: Editora Prismas, 2015.

14. SUSSMAN, Gerald; KRADER, Sascha. *Template Revolutions: Marketing U.S. Regime Change in Eastern Europe*. Westminster Papers in Communications and Culture, University of Westminster, London, vo.5, n.3, 2008.